

A BARONESA
UMA NOVELA FOTO-ÁUDIO-ENSAÍSTICA
EM DUAS VOZES E DEZ CAPÍTULOS
DE

CHARLES ALLINGTON

*E que ninguém se considere vencedor enquanto não houver
atingido o termo da humana vida!*

(“Electra”, Eurípedes)

*Todas as emoções, e particularmente o amor, eram detestáveis para a sua fria, precisa e
admirável mente. Ele era, presumo, a mais perfeita máquina de raciocínio e observação que
o mundo havia conhecido.*

(“Um escândalo na Boêmia”, Arthur Conan Doyle)

*O olhar participativo durante o espetáculo possibilita ao adulto o mesmo que a brincadeira
possibilita à criança, cuja tocante expectativa pode ser igualmente tão satisfatória para o
adulto.*

(“Personagens psicopáticos no palco”, Sigmund Freud)

MULHER: Natália e Charles

HOMEM: A baronesa está sozinha no palco. O holofote projeta uma luz âmbar sobre o rosto suavemente maquiado, os cabelos rubros presos em coque no alto da cabeça, um vestido longo de seda, preto, desliza sobre o corpo esguio, das sandálias douradas aparecem as pontas dos pés.

MULHER: Na segunda fila da plateia, Charles Allington pode sentir a respiração presa da baronesa Natália Schoemberg, a tensão das cordas vocais prestes a emitir a primeira nota.

O Viena Staatsoper inteiro respira o instante. As 2.284 poltronas vermelhas estão ocupadas. O silêncio entre elas. A orquestra aguarda o sinal do maestro para o início do espetáculo. Os dedos retesados.

HOMEM: Das coxias, pode-se escutar a falta de som na plateia. A mãe Clitemnestra e seu amante Egisto encontram-se nas coxias do lado direito. Os irmãos Chrisotemis e Orestes, nas do lado esquerdo.

Electra, o holofote de luz âmbar sobre o rosto, fios de cabelos rubros soltando-se do alto do coque, a seda preta arrepiando os poros, sandálias douradas apertando os pés, emite, aos quatro cantos do teatro, a primeira nota da ópera de um ato de Richard Strauss.

MULHER: Desde pequeno, Charles observava a mãe cuidando da casa e dos quatro irmãos mais novos. Ela lavava as roupas, sentava no banco da mesa de madeira na cozinha, levantava, preparava o almoço, sentava no banco, costurava as meias do pai, que saiu bem cedo para o comissariado no subúrbio de Londres. No fim da tarde, Charles não sabia se estava mais cansado de observar do que a mãe de fazer as tarefas.

Ele gostava de sentir o aroma de lavanda quando a mãe dava banho no bebê e depois se banhava. Ela mesma fazia o perfume. Atrás da casa, havia um pequeno depósito onde a mãe guardava os livros prediletos, retalhos de tecido para as roupas de

fim de ano dos filhos, galhos de lavanda secos pendurados no teto, álcool de cereais para fixar o perfume.

HOMEM: O pai chegava tarde do comissariado. Encontrava sobre a mesa de madeira o jantar coberto com pano de prato para não estragar o frango com lentilhas, o bolo de carne com batatas, a sopa de ervilhas. Uma noite ele encontrou um bilhete dobrado ao meio no lugar em que deveria estar o prato de comida. E o barulho do pai abrindo e fechando portas de armários, dizendo para Charles cuidar dos irmãos porque ia atrás da mãe no Circo Lapende.

MULHER: A primeira boneca de Natália é feita de porcelana chinesa, o vestido amarelo de florezinhas. A casa onde mora com os pais em Viena tem dois andares, é branca com janelas azuis. Da casa na qual é filha única, pode-se ver o doutor Sigmund Freud entrando e saindo, na mesma rua, do número 19 da Berggasse Strasse, no distrito 9, habitado principalmente por judeus. No futuro próximo, seu pai frequentará as reuniões psicológicas das quartas-feiras e sua mãe posará para os quadros cintilantes de outro vienense, Gustav Klimt.

Hoje é o aniversário de cinco anos de Natália. Ela receberá as filhas das amigas da mãe na sala rosa, onde será servido o chá com torta de maçã. Os pais das filhas permanecerão na sala azul, fumando charutos e bebendo licor de café.

Mas agora Natália brinca com a boneca de porcelana chinesa. Coloca-a no centro da casinha de bonecas. Chama-a de Anna e a faz cantar.

HOMEM: O pai de Charles voltou do Circo Lapende muito tarde naquela noite. Os irmãos estavam dormindo. O cansaço nos olhos do pai se espelhou nos olhos cansados do filho mais velho.

A carta da tia solteira em Viena chegou um mês depois de o Circo Lapende partir com a mãe de Charles para nunca mais voltar. Os selos da carta da tia estavam todos carimbados de tantas paradas nos correios entre Viena e o subúrbio de Hampstead em Londres.

MULHER: Dois meses e estavam pai e filhos, vindos de Londres, na estação de Bruxelas, para tomar um trem para Colônia, seguir por Frankfurt e chegar a Viena cinco dias depois. A cidade respirava o fim do século. Artistas, escritores e poetas, nos cafés, falando de proporções áureas, declamando poemas, lendo trechos de romances que ainda não foram publicados. Na casa da tia solteira, os quartos eram poucos, mas eram bons. O pai deu um beijo na testa ainda jovem da irmã, tomou banho, um café preto, e foi se apresentar no comissariado para o emprego em que começaria na manhã seguinte.

HOMEM: Natália olha para Viktor Shoemberg no outro lado do salão de baile. Ele faz de conta que não percebe a presença daquela moça esguia de vestido verde-musgo. Faz de conta que se interessa pela filha do dono da casa e a convida para dançar a primeira valsa.

O chapéu de Natália é branco com plumas verdes. Usa um colar de esmeraldas que a mãe lhe dera no aniversário de quinze anos. Naquele mesmo baile, conhecerá o noivo, o marquês Mark Timboury, a quem fora prometida para se casar na próxima primavera.

Viktor entrega a filha ao dono da casa, dá uma pequena volta sobre si mesmo, como se fosse um girassol, e vai na direção da moça de vestido verde-musgo, chapéu branco de plumas verdes, o colar de esmeraldas.

MULHER: Charles começou a trabalhar no comissariado do pai numa terça-feira. A princípio seria entregador de correspondências, fazedor de café, limpador de privadas enquanto o faxineiro estivesse de férias. Não fazia cara feia, mas as férias do faxineiro nunca acabavam, então decidiu perguntar para o chefe do pai:

HOMEM (VOZ MAIS JOVEM): – Posso acompanhar o detetive-geral na ronda de hoje à noite, senhor?

MULHER: Era um rapaz de dezoito anos. Altura mediana para alta, talvez crescesse um pouco mais até os vinte e um. Os cabelos castanhos encaracolados combinavam com os óculos de aro fino, que muitas vezes escorregavam para a ponta do nariz. O pai estranhou

o filho chegando no horário da ronda com um bastão, o revólver sem balas, caderno de anotações e lápis.

HOMEM (VOZ MAIS JOVEM): – O comissário disse que posso acompanhá-lo hoje, senhor.

MULHER: A primeira menstruação de Natália. A mãe pede que a criada saia do quarto enquanto o rosto da filha torna-se pálido, sem saber o que fazer com aquele sangue todo que lhe escorre entre as pernas. A mãe tem a primeira conversa séria com a filha e explica a origem dos bebês; o rosto da filha mais pálido ainda, o que seria pior, o sangue ou a história que a mãe lhe conta neste exato momento?

Depois do baile, o namoro escondido, a primeira noite juntos, Natália tem a segunda conversa séria de toda a sua vida com a mãe. Dessa vez não há sangue entre as pernas, o rosto pálido não é o da filha, a boca entreaberta não é a de Natália, e o grito preso na garganta sai no momento em que a mãe corre até a biblioteca do pai para denunciar que Natália está grávida do barão Viktor Shoemberg.

HOMEM: Viena então era dividida em dezesseis distritos. O distrito de número 1 era no centro. Ao redor do centro encontravam-se os distritos 2 a 9, e os de número 10 a 16 eram externos ou subúrbios.

Charles trabalhava com furtos e homicídios no comissariado do distrito de número 4, Wieden, próximo ao centro de Viena. Lia nas horas vagas livros policiais que chegavam de Londres todas as sextas-feiras à noite em embarcações que desciam pelo rio Danúbio. Gostava especialmente de um escritor de Edimburgo, Arthur Conan Doyle, e acompanhava com vigor os casos mirabolantes do detetive Sherlock Holmes. Pensava em um dia desvendar um caso tão interessante quanto aqueles, nos quais a inteligência prevaleceria à força, a vontade superaria o medo, o inesperado iluminaria o casual.

MULHER: Era uma quarta-feira de agosto, nove horas da noite. O comissariado estava tranquilo, sem casos de furtos e homicídios, e Charles terminara de ler “O problema final”, de Conan Doyle. Ficava sempre assim, parado, quando terminava de ler as histórias

do detetive inglês, pensando na solução de cada caso, deixando a mente vagar pelas estradas de Hampstead, indo, no lugar do pai, ao encontro da mãe, no Circo Lapende. A mãe, com uma veste coberta de lantejoulas azuis e prateadas, sapatilhas cor da pele, balançando-se no trapézio, para daqui a pouco se jogar nos braços do trapezista, o amante eslavo de pele morena que a arrancara do seio da família de cinco filhos, marido policial, o dia a dia lento e pegajoso de uma dona de casa de classe média do subúrbio de Hampstead, em Londres.

HOMEM (VOZ MAIS VELHA): – Allington!

MULHER: O chefe que ainda era chefe gritou.

HOMEM (VOZ MAIS JOVEM): – Pois não, senhor!

MULHER: Uma dama da sociedade. O marido boêmio e conquistador. Uma ópera em um ato de Richard Strauss e a missão encomendada a Charles Allington de descobrir o paradeiro do barão Viktor Schoemberg, desaparecido há dois dias; a principal suspeita é a esposa soprano que irá representar Electra na estreia do Viena Staatsoper amanhã à noite.

HOMEM: Seu nome é Natália.

HOMEM: Electra emite a primeira nota. Ela não olha para Charles, na segunda fila da plateia do Viena Staatsoper. Ela olha para a primeira fila em busca de um menino de doze anos. Os olhos brilhantes do menino encontram-se com os da mãe, que interpreta a personagem principal da peça de Eurípedes.

MULHER: Seu nome é Lukas.